

# Ad Extra

## Saída e Reposicionamento

de Gerardo Custodio López  
gerclxx@yahoo.com.mx

*RESUMO: Nos últimos Capítulos Gerais dos Missionários Xaverianos (CG), iniciou-se uma reflexão para que as nossas comunidades adquiram um ar de renovação e atualização, diante da situação de migração e globalização que vemos no mundo. Este estudo sobre uma das características que temos, nos ajuda a refinar o conceito de missão ad gentes em relação à nossa saída para outras terras e, assim, tentar ser mais fiéis ao carisma que o nosso Fundador nos deixou. A característica de sair requer de nós, não apenas que saíamos da nossa pátria para a missão, mas também que desenvolvamos uma sensibilidade atenta de abertura para atender às novas realidades que vão aparecendo como desafios no nosso próprio ambiente e campo de missão.*

*ABSTRACT: Given the current situation of immigration and globalization in the world today, we have stressed in our last General Xaverians Chapters (CG) the need to do a self-analysis so that our communities renew and adapt to this new situation. The study of the ad extra, which is one of the characteristics of the Missionary Congregations, helps us refine the concept of mission ad gentes in relation to our going to foreign lands so that we are more faithful to the charisma left to us by our founder. The characteristic of leaving, requires from us today not just to leave our home countries to go to the mission but to develop an attentive sensitivity of openness so that we can tend to the new realities that challenge our environment and field of mission.*

### 1. A MISSÃO

#### a) A missão é de Deus

A partir da proposta do Concílio Vaticano II, foram reconhecidas as mudanças de época na vida da Igreja no que diz respeito à missão no mundo moderno. O Vaticano II redescobriu uma nova visão da missão baseada na *Missio Dei*. O Concílio afirmou que “a Igreja peregrina é missionária por natureza” (AG

2). Antes de ser uma tarefa, a missão é uma realidade cuja origem está no amor do Pai, um amor que não pode ser contido, mas flui abundante e generosamente e é concedido a toda a humanidade. A missão, portanto, é uma participação no mistério de Deus (XVICG 32; XVIIICG 13, cf. CEMLA 10, p. 36ss).

## **b) Visão de São Guido**

Para o nosso Fundador, a missão tinha como paradigma a figura de Francisco Xavier que o cativava totalmente e queria dar o nome à família que fundava em sua homenagem, como querendo lhe comunicar o espírito de Francisco no seu desejo de espalhar o Reino pelo mundo. São Guido o propõe como modelo de vida e espiritualidade. Francisco, homem de oração e de grandes desejos, assim como a sua disponibilidade para o serviço, a sua pregação incansável e a sua disponibilidade para partir, saía constantemente, a qualquer momento, para alcançar outras terras pelo Reino de Jesus, até à sua morte. Este anúncio constitui o coração da missão no espírito do nosso Fundador, que desejava, como Francisco, que o dom de Deus chegasse a todos para que pudessem ter vida abundante (cf. CERESOLI; FERRO, Francisco Xavier, 30).

*Por isso deixou a sua terra natal, fez longas viagens por terra e mar, e viajou centímetro a centímetro por aldeias incalculáveis para anunciar a boa nova a todos. Perigos de todos os tipos, perseguições, privações, cansaços, inclemência das estações, dores físicas e morais, sempre inflamaram seu zelo em vez de diminuí-lo. Além disso, diante da multiplicação das cruzes, ele repete exultantemente: plura, Domine, plura (Mais, Senhor, mais) (CERESOLI; FERRO, ad extra, n. 5)*

O Fundador acrescenta mais três características na preparação para sair em missão:

- **Espírito de fé.** A razão, o ponto de partida, a força do nosso caminho e do nosso objetivo é Jesus Cristo. Com Ele aprendemos a “*ver a Deus, buscar a Deus, amar a Deus em tudo*”. A consagração missionária é uma questão de fé, porque é a regra inabalável que nos permite descobrir o Pai como o primeiro e único, e compreender a sua obra no

mundo para nos permitir viver totalmente ao seu serviço. A fé muda os parâmetros, determina uma nova escala de valores, oferece liberdade, serenidade e plenitude de sentido que, através da profissão dos votos, procura o Reino de Deus e a sua justiça. Esta experiência de Deus é a chave do carisma que o nosso Fundador nos deixou como legado: *“Que as nossas ações exteriores sejam a manifestação da vida interior de Cristo em nós”*.

- **Obediência pronta e generosa.** A obediência é, antes de mais, escutar a Palavra de Deus que nos convoca, nos desafia e nos envia. Seguindo o exemplo de Maria que escuta, que guarda a Palavra de Deus e a vive. Isso leva-nos a um serviço atento e às necessidades dos irmãos.
- **Amor intenso.** Estamos unidos por um objetivo: a evangelização dos não-cristãos. Para isso, consagramo-nos a Deus e reunimo-nos em comunidade. A *“Caritas Christi”*, que nos dirige aos nossos irmãos e irmãs não cristãos, aproxima-nos também como irmãos e irmãs em comunidade.

### c) Missão no diálogo

As Constituições, a Regra Geral e a Carta Testamento do Fundador recordam-nos os três pilares do nosso carisma: o **“anúncio”**, como partilhar a alegria do Evangelho com aqueles que ainda não receberam o dom da fé em Jesus. O **“diálogo”**, como compromisso de conhecer e encontrar o outro, cultural e religiosamente diferente, para percorrer juntos os caminhos da história; a **“libertação”**, como promoção humana, sempre ao lado dos pobres, concretizada com os novos paradigmas da amizade social e da ecologia integral. (XVIIIICG 128).

O nosso encontro anterior do CEMLA tratou sobre o *ad gentes*, para sublinhar o tema do diálogo como um ponto chave para o desenvolvimento da nossa missão. É um diálogo profético, com os pobres, em contextos particulares, inter-religiosos, como testemunhas do Evangelho, através da liturgia, da oração e da contemplação, do diálogo inculturado, das migrações e pela

reconciliação, etc. A missão leva-nos a dialogar com o que é diferente do nosso ponto de vista, da nossa formação, da nossa cultura e religião. (cf. CEMLA, Caderno 10, p. 37-40).

#### **d) Descolonização<sup>1</sup>**

O XV Capítulo Geral disse-nos: *“A presença dos missionários, especialmente os que vêm do mundo ocidental, é hoje vista com desconfiança e com a suspeita de que repita antigos padrões de colonização”* (45). O último capítulo xaveriano acrescenta: passamos de uma missão de apenas *dar* para uma missão de *dar e receber*, liberta de uma mentalidade colonial, clerical e paternalista, marcada ao contrário pela fraternidade universal, aceitação, respeito, amizade, já vivida no interior da comunidade xaveriana intercultural e intergeracional, (cf. CEMLA, Caderno 7).

Que tipo de colonização semeamos que se expressa desta forma? Para citar alguns elementos, menciono o que Anthony Gittins escreve como tendências em nosso trabalho missionário para outras realidades:

**Etnocêntrico.** Uma atitude bastante comum nos missionários ocidentais é colocar-se no centro de tudo, fazendo crer que eles são os melhores, os corretos, o guia, etc. Ter tido uma educação rígida de uma certa altura leva-nos a crer que a nossa forma de ver o mundo com os nossos valores e crenças é superior à dos povos ou das pessoas com um menor índice de desenvolvimento. Se o missionário não aprender a modificar a sua atitude etnocêntrica, deve regressar à sua pátria.

Ser autossuficiente diante das pessoas que estão na sua própria terra e cultura pode tornar-se um grave insulto. Quem não

---

<sup>1</sup> Refiro-me aos trabalhos apresentados no Caderno 7 (RASCHIETTI, p. 13-31; LÓPEZ, p. 129-141; CUSTODIO, nota p. 63). Resumindo: a primeira descolonização foi incompleta, pois limitou-se à independência político-jurídica das nações conquistadas. Em vez disso, a segunda descolonização, que é chamada de descolonização, terá que abordar as diferentes inter-relações raciais, étnicas, sexuais, epistemológicas, económicas e de género que a primeira descolonização deixou intactas. Hoje, é necessária um processo decolonial para complementar a descolonização anterior.

quer aprender é uma vergonha. Somos testemunhas disso, nós que por anos temos vivido no exterior. Como missionários, às vezes comparamos, criticamos e julgamos os outros com a certeza de que temos as respostas mais adequadas à situação local.

**Observador pessimista.** Um pessimista afirma que é impossível conhecer e entender pessoas de outra raça, cultura ou nação. A atitude de muitos missionários é ficar com as suas ideias e aplicá-las de acordo com a sua maneira de ver, sem pedir nada aos outros. Ele não acha necessário entrar no mundo do outro. Lembro-me de um colega me dizer: *“Não sei porque é que tens de pedir opiniões a estas pessoas que não entendem ... Decidam agora e façam o que precisa ser feito.”* O que deve ser feito de acordo com quem? Mas também é verdade que há coisas que nunca seremos capazes de compreender sobre outras culturas e permaneceremos sempre nessa terra como simples observadores.

**Participante ativo.** O nosso princípio deve ser *“desaprender para aprender”*. Esta é a atitude colaborativa que enriquece a cultura local do lugar. Não é fácil para o missionário chegar e conseguir entender tudo. Ele pode ser um dom, uma graça para enriquecer a cultura com a sua contribuição de conhecimento e a sua preparação. O missionário, se quiser “fazer missão” tem que se envolver com o fato cultural, que é onde está o maior desafio, porque é um mundo com pontos de vista diferentes do próprio.

Há aqueles que não conseguem aprender a língua local para se expressar com clareza, bem como aqueles que não valorizam seus costumes, tradições, estilo de vida, não vivem ou se misturam com o povo. Ser demasiado independente, isolado e não vulnerável é fechar-se à partilha, ao dar e ao receber, ao enriquecer e ao ser enriquecido pelos outros. O missionário sabe que precisa de pessoas, em quase todos os sentidos. A possibilidade fica aberta para progredir na compreensão de outra cultura; de criar laços de união; de entrar e participar; de ser um dom que constrói e colabora (cf. GITTINS, 2-5).

## 2. AD EXTRA

*Ad extra* é uma expressão que dom Conforti desconhece. No entanto, o nome da obra missionária que fundou inclui termos “Missões Estrangeiras”. O termo *ad extra* vem do latim e está relacionado ao sair, ir para fora da própria pátria, cultura e Igreja de origem. O trinômio “*ad extra, ad gentes, ad vitam*” são expressões elaboradas pelo Magistério da Igreja e introduzidas nas Congregações Missionárias. Hoje, essas modalidades precisam ser refletidas dentro do contexto atual e de cada Congregação. Para nós, Xaverianos, o trinômio foi a base de reflexão para a preparação do último Capítulo Geral de 2023, através de fichas de consulta a fim de atualizar nosso carisma missionário.

O *ad extra* é um êxodo para o outro, atravessando fronteiras geográficas, culturais e religiosas, construindo pontes sobre valas geracionais, esforçando-se por ser sinal do caminho de Deus para todos os povos e do caminho dos povos para Deus. O *ad extra* é também um estado de conversão pessoal e comunitária, psicológica, moral e espiritual, que se revela na disposição para o “deslocamento” cultural, linguístico e geográfico. No entanto, sem esta capacidade de deslocamento interior que abre o coração ao encontro com o outro, deixando a própria terra, a própria cultura, a própria língua, constituiriam apenas uma realização incompleta da vocação xaveriana (XVIIIICG 16-17).

### a) Na Bíblia

A Escritura apresenta-nos muitos exemplos de como Deus nos convida a sair da terra e do seu ambiente natural. “O Senhor disse a Abraão: ‘Sai da tua terra natal e da casa do teu pai, para a terra que eu te mostrar.’” Abraão aceitou o apelo para partir: “Deixou a sua terra, a sua parentela, a casa dos seus pais, para um lugar” que o Senhor se compromete a mostrar (cf. Gn 12,1-3). Moisés ouviu o apelo de Deus: “Vai, eu te enviarei” (Ex 3,10), e enviou o povo para fora (cf. Ex 3,17). A Jeremias disse: “Onde vos enviar, irás” (Jr 1,7). É a saída que Deus quer provocar nos crentes. (cf. EG 20-24).

O paradigma mais radical é o de Jonas: é preciso ser atirado ao mar, perder toda a segurança, enfrentar o caos e os poderes destrutivos da morte, para ser regenerado pelas águas, depois de nadar na escuridão dentro da barriga do misterioso peixe. É uma alusão a dizer daqueles que vêm enfrentar o processo arriscado, sofrido e doloroso daqueles que querem iniciar um verdadeiro diálogo com um novo povo a quem se sentem enviados... e no meio do qual, encontra a Aquele que já está lá, que o espera com outro rosto. Assim, aqueles que vieram ensinar começam a sentir-se aprendizes nos caminhos da graça do evangelho, da Boa Nova.

Biblicamente falando, o hospede, estrangeiro, forasteiro ou estranho a uma cultura, era alguém que não era membro da tribo, e como um “forasteiro”, era visto como inimigo em potencial. As pessoas escolhidas não permitiram que a sua identidade fosse contaminada pelas crenças, costumes ou condutas alheias. Embora a hospitalidade fosse uma virtude importante e sinal de um coração magnânimo, quando alguém era autorizado a entrar no lar, na comunidade, essa pessoa adquiria o direito de ser respeitada.

Os patriarcas saíram e adaptaram-se a novas realidades, como Abraão no Egito (Gn 12,10; 17,8; 20,1), Moisés em Midiã (Ex 2,22), Ló em Sídon (Gn 19,9). Como estrangeiros, não podiam exigir certos direitos. Eles tiveram a experiência de passar por hospedes em uma terra estranha. Embora pudessem progredir no seu trabalho e adquirir um certo *status*, nunca seriam vistos como verdadeiros irmãos da raça.

Nós, quando chegamos em terra de missão, teríamos que respeitar mais, com atitudes de “obediência” aos donos do lugar (cf. QAm 26). Somos missionários *ad extra*, e se quisermos nos contextualizar dentro de uma cultura diferente da nossa, então provavelmente precisamos aprender a ser estranhos em uma terra estrangeira. Além disso, podemos aprender a ser sensíveis aos sentimentos, necessidades e direitos dos outros, bem como ter que resistir a sentimentos de isolamento, solidão, choque cultural, não adaptação ... que tudo seja motivo para encontrar na oração e na meditação o caminho do Senhor (cf. GITTINS, 128-130).

Hoje, neste “ide” de Jesus, estão presentes os desafios sempre novos da missão da Igreja, e todo cristão é chamado a essa nova “saída” missionária: sair da própria zona de conforto e ousar chegar a todas as periferias que necessitam da luz do Evangelho.

### **b) Hospede, estranho, forasteiro**

Cada cultura constrói “*o seu mundo dando-lhe um significado particular*”, pelo que, ao deparar-se com um mundo distante, quem decide o que é ou não estranho ao senso comum? Com certeza não são os missionários estrangeiros que o fazem, porque não estão em condições de fazê-lo em relação à cultura na qual chegam. Para quem está fora do contexto, muitas vezes pode falar e falar sem “*tocar o coração das pessoas*”, por isso é necessário abster-se de fazer julgamentos, especialmente negativos, porque nos faltam fundamentos e podem passar anos sem entender o que é significativo para a cultura local.

Acontece que as pessoas são obrigadas a mudar as suas atitudes, os seus hábitos, e por vezes de forma inadequada, acompanhadas por uma certa força moral. Nunca poderemos ser eficazes no anúncio para alcançar o seu mundo de crenças profundas, mas apenas com paciência, entrando nos “*seus mundos de significados*” aos poucos, sempre numa atitude humilde, porque, afinal, seremos sempre hóspedes, estranhos, sem raízes profundas no ambiente (cf. GITTINS, 6-7).

### **c) Recreação**

O ser humano, no seu processo de amadurecimento, depende da sua relação com os outros, porque não pode, por si só, modificar o seu ambiente, criar uma linguagem ou implantar um sistema de valores. O mundo existe antes de nós e nascemos dentro do que os outros já iniciaram e nos foi herdado. Nós apenas “absorvemos” o que está aí, como esponjas. Por outro lado, cada um amadurece e desenvolve algo muito pessoal como o desenvolvimento dos sentimentos, da sensibilidade, etc., que vai marcar a forma como nos relacionamos uns com os outros e a capacidade de ver e compreender a realidade.

Há grupos e sociedades que são bastante abertas, como também há fortes cadeados que não se abrem. Chegar a um grupo distinto, onde as barreiras são fortes e não permitem um diálogo aberto, a questão da evangelização é um verdadeiro trabalho de paciência e perseverança. Não podemos imaginar as implicações que podemos criar quando carregamos nossos códigos de crenças e nos aferramos a transmiti-las como únicos e válidos. Somos nós que invadimos o seu ambiente já estabelecido, por isso devemos preparar-nos para dialogar, aceitar, fazer acordos, procurar o bem comum, etc., este é o desafio que nos é apresentado como missionários que saímos para levar o anúncio de Jesus. Somos nós que saímos *ad extra* para propor, por isso cabe-nos primeiro prepararmos com uma atitude de diálogo com o outro. (cf. GITTINS, 32-33).

#### d) Dar e receber

Ignacio Falgueras, baseado em Santo Agostinho e Leonardo Polo diz que:

*A dimensão transcendental do ser humano equivale à dádiva. “Ninguém dá o que não tem”, diz o velho ditado, mas, diz Polo, é muito pouco; ninguém dá se não for uma dádiva, se não for intimidade. Se na realidade causal não é possível dar sem um ‘ter’ prévio, na atividade pessoal transcendental – e, principalmente, na Pessoa Divina – a doação é da ordem do ser: “dar deve ser, antes de mais, a mais pura, mais elevada e mais digna de todas” e, como em Deus, “dar será também a mais elevada das criaturas. Ser é dar. Só as pessoas podem dar. A doação é a atividade própria de Deus” (SOŁOMIEWICZ, p. 125-127).*

Quando o missionário deixa o seu ambiente e se integra num outro, deve ter consciência de que a sua relação vai ser de aportar e receber, de dar parte de si e de se deixar completar pelas pessoas que vai servir. O missionário não pode pensar levemente que tudo o que d’Ele sair é positivo e bom, por vezes subestimando a riqueza que os outros podem lhe brindar (cf. GITTINS, 84-85).

O intercâmbio é de dar e receber na evangelização, longe de ser uma ação mecânica de bens e serviços, é considerada como um padrão de conduta que contém valores profundos. O intercâmbio

cria e mantém relações entre indivíduos e sociedades. O missionário chega ser na nova cultura como um dom, ou seja, num sentido real, o que ele oferece é uma extensão de si mesmo, o seu serviço incorpora algo da sua própria personalidade, da essência espiritual que deseja transmitir. Portanto, há a obrigação de dar, a obrigação de receber e a obrigação de retribuir novamente, criando uma corrente de mútuo enriquecimento (cf. GITTINS, 92).

Nas sociedades ocidentais, o individualismo leva a pessoa a se isolar, a ser “independente”, a não sentir necessidade do outro, mas com enormes consequências de solidão, isolamento e suicídios. O missionário deve ser um exemplo de entrega, doação, abertura e relacionamento mútuo. O contrário é uma atitude anti-evangélica que, em vez de construir, será sinal de tropeço. Estar aberto para receber, também é uma obrigação.

#### **e) Jesus missionário**

Baseado no hino aos Filipenses, Jesus não veio com os privilégios que lhe pertenciam como Deus, desempenhando o papel de Senhor e Salvador, mas como servo. Ele não exigiu suas prerrogativas divinas, mas esvaziou-se para se tornar escravo, como um de nossa condição (Fl 2,6-7).

A condição de escravo é semelhante à do estrangeiro que chega a outra terra, pois espera que sua identidade seja reconhecida, bem como as funções a serem realizadas. Jesus, se tivesse vindo como um senhor poderoso, de alto *status*, como uma figura imponente, insistindo na sua origem divina e na dignidade da sua missão, como teria sido a sua aproximação e relação com as pessoas? Qual houvesse sido o impacto da sua mensagem?

Jesus não tinha um lugar próprio *para encostar a cabeça* (Mt 8,20). Sua vida era de baixa condição social, filho de um carpinteiro, não vinha de uma família de ascendência na sociedade. Isso foi sublinhado quando alguns pediram para se juntar ao seu grupo. Isto causou uma grande impressão em seus seguidores e seguidoras ... e em nós mesmos. Essa foi a sua forma de encarar a vida humana, porque nem sempre foi bem recebido e aceito.

A sua atitude foi de abertura, de compreensão, de estar atento a ver a realidade para a resolver na perspectiva do Reino, como a misericórdia no caso da adúltera, acusada em público pleno. Ele não a julgou a partir de um código de leis, mas de uma realidade muito concreta da vida. E assim os distintos casos de pessoas do “nível social mais baixo”, ou de compaixão pelos “professores” que não conseguiam ver e entender de outro ângulo. Jesus deixou-se tocar pelo coração, aprendeu com a fé dos simples, dos pobres, dos doentes, dos desamparados, e com a fé do centurião romano. Deixou-se ungir pela mulher apontada como pecadora. Jesus não só procurou estas pessoas, mas também mudou as suas vidas, compreendendo a partir do seu nível, a necessidade de ter uma vida mais digna e como elas eram importantes para Deus. Ele confia a sua missão a estas pessoas, para que sejam testemunhas do mundo. É mais do que claro que Jesus não buscou *status* ou reputação das pessoas que o seguiam, porque elas não tinham nada a lhe oferecer.

Quem é este homem? Alguma coisa boa pode sair dessa terra? De onde vem?

- Jesus percorreu os povos, ouviu, recebeu, partilhou, adaptou-se, alegrava-se, chorava, pedia e dava conselhos.
- Doou-se, partilhou o seu tempo, a sua energia, a sua presença, a sua oração, os seus sofrimentos ... Realmente soube contextualizar sua pessoa no ambiente em que vivia, ou seja, se encarnou na realidade.
- Jesus estava bem “plantado”, tanto psicológica como espiritualmente, para poder procurar respostas para a necessidade de estar só, na oração, na companhia, na consolação, não se consumia em um zelo ou cólera extremista, mas costumava retirar-se, ir ao monte, se encontrar com o Pai, encontrar a paz.
- Jesus identificou-se e trabalhou com o seu meio, escolheu pessoas para a missão, formou-as, teve piedade dos “infelizes”, dos que caíram no caminho ...
- Jesus superava os obstáculos culturais, as formas linguísticas de comunicação, criava parábolas, histórias, pregações, formas de entreter as multidões, fazia-se entender, exigia, dialogava, questionava (cf. GITTINS, 134-136).

**f) O missionário *Ad Extra***

Por causa da nossa formação e da maneira como o Fundador nos quis família, sair e chegar a outro país, aparentemente não somos recebidos como estranhos na comunidade xaveriana aonde chegamos. Mas há no recém-chegado uma sensação de ser alheio e de desconforto com o que está à sua frente: uma realidade que se impõe, uma sensação de estar fora do seu “mundo”.

É difícil assimilar a experiência de ser um estranho na nova realidade, porque somos desconhecidos, aprendizes e em processo de integração. Certamente não pedimos permissão para entrar na vida das pessoas, seus sentimentos, necessidades e direitos. Nossas primeiras palavras podem ser hesitantes, mostrando que estamos vivendo na “síndrome do outsider”. Essa experiência pode nos aproximar da compreensão da situação daqueles que vivem nas ruas, na pobreza, no abandono, em desvantagens, como os migrantes. Mas lá dentro sabemos que temos recursos para superar porque há uma comunidade, uma preparação pessoal, mais meios a disposição para ir adiante.

Não é fácil levar o rótulo de estranho e forasteiro com você para o lugar do destino: como missionários devemos vê-lo como parte do processo de “encarnação”. Não podemos exigir respeito e acolhimento se não fizermos o mesmo com as pessoas, quando, mesmo inconscientemente, queremos ser tratados de forma diferente por quem somos, pelo que defendemos ou pelo que fingimos ser: superiores. É necessário que todo missionário, trabalhe nesta parte em nós. Somos simplesmente colaboradores, servidores, irmãos. O principal agente da obra não somos nós, é o Espírito Santo.

Quando o missionário aceita o seu novo *status*, aprendendo aos poucos, encarnando na sua nova realidade como alguém que procura fazer parte deles, iniciou o caminho certo, no apelo de Deus, abraçando com afeto tudo o que aparece, escolhendo caminhar como discípulo daquele que se encarnou plenamente na humanidade (cf. GITTINS, 131-132).

Para nós, missionários, *ad extra* com toda a nossa preparação e racionalização que fazemos em nossos discursos, por causa da educação e orientação que damos, se não alcançarmos o coração de Jesus e seu modo de alcançar as pessoas, especialmente em terras onde somos hóspedes, não traremos o espírito do evangelho para essa realidade, nem ofereceremos respostas apropriadas às necessidades atuais que eles pedem para encontrar Deus.

### **g) Documentos xaverianos**

O XV Capítulo Geral sobre o diálogo intercultural e inter-religioso disse:

*O xaveriano sente-se à vontade com todos, em todos os momentos e lugares, e não incomoda ninguém. Aprecia as culturas e tradições dos povos onde está e estuda a língua em profundidade. Num uma época em que o diálogo se tornou um dos pontos vitais do nosso serviço ao Reino, firme na sua fé, deixa-se interpelar pelas culturas e pelas religiões para discernir e acolher as sementes da Palavra (XVCG 28)*

*O nosso hoje da missão diz: este processo de transformação não é espontâneo e indolor, porque a “renovação da missão exige a renovação da vida” (XIVCG 22). Muitos xaverianos parecem não perceber a necessidade de mudar o antigo estilo missionário e continuar como se nada tivesse mudado. Outros o percebem, mas o consideram difícil, devido à formação recebida e ao avanço da idade. Outros ainda afirmam, no plano teórico, a necessidade de renovação da missão, mas não a traduzem coerentemente na vida (XVCG 47).*

*Compreendemos que hoje não há futuro para uma missão unidirecional, que procura automaticamente se aproximar aos não-cristãos, oferecendo-lhes “fé e civilização”. O xaveriano deve respeitar a cultura e as tradições religiosas com as quais quer partilhar a sua experiência de fé (2Cor 1,3). Convencido de que a missão tem uma dimensão de reciprocidade, procurará uma comunicação autêntica com o seu povo, o que requer conhecimento da língua local e respeito pela cultura. Pela mesma razão, se absterá também de juízos e preconceitos sobre aqueles a quem é enviado (XVCG 51).*

## **Resistência ao anúncio ad extra**

*Observa-se um certo grau de resistência em alguns à dimensão ad extra do carisma xaveriano; estes confrades sustentam que a missão ad gentes também pode ser realizada no seu próprio país de origem e cultura, devido à presença de não-cristãos em todos os contextos geográficos (XVIGC 23).*

## **Envio e saída**

*Seguir Jesus, que é salvação ... coloca-nos num caminho comum com todos os povos (cf. Constituições 8), em constante êxodo e recomeço, êxodo pascal de morte e ressurreição (cf. RMX 12,2). O discipulado convida-nos a sair de nós mesmos e a deixar a nossa própria família e pátria ... marcada pela itinerância, pelo desapego, pelo temporário, pela fraqueza e pelo envio. Portanto, o discípulo missionário não cria raízes em lugar nenhum, ele é um itinerante. Lhe é pedido que aprenda ... a estar próximo dos outros, à entrega de si e à gratidão absoluta. (XVICG 36).*

## **Ad extra**

*Vivemos o “primeiro anúncio” ad extra: a dinâmica da missão implica um sair e um êxodo. Somos enviados para fora do nosso próprio ambiente, cultura e Igreja (cf. Constituições 9) para vivermos como hóspedes de outros povos. Vivemos o nosso ser estrangeiro como “característica fundamental e essencial da nossa vocação” (RMX 12), pois o “primeiro anúncio” exige uma abertura radical à novidade e a rejeição de qualquer forma de autorreferência. Jesus viveu a sua missão de estrangeiro porque “o seu próprio povo não O aceitou” (Jo 1,11) e enviou os seus discípulos como estranhos (Mt 28,19). Por isso, através da nossa animação vocacional missionária, exortamos as Igrejas locais a se abrirem e a saírem pelo mundo, estendendo o seu amor até os confins da terra: sem este movimento, a graça da renovação nas comunidades cristãs seria ineficaz (cf. AG 37). (XVICG 54).*

## **Fichas para o XVIII CG**

*Para nós, o ad extra é mais um consecutivo esclarecimento do ad gentes. Este é o princípio missionário da saída, claramente expresso em nossas Constituições. O alcance geográfico não é um fim em si mesmo, mas visa promover a causa missionária (RMX 12). É certo que o fato do ad gentes poder ser encontrado em toda a parte*

*não afeta a validade fundamental do ad extra. De fato, o anúncio extra coloca-nos numa dimensão de “itinerância” não só na dimensão geográfica, mas também no sentido de maior liberdade, disponibilidade e até pobreza. ‘Itinerante’ significa ‘estar em movimento’, a capacidade de não se concentrar em um único serviço ou setor de atividade na congregação. O ad extra contém uma ligação profunda com o mistério da Encarnação (movimento de saída de Deus, em Cristo, para o mundo) e com o mistério pascal (passagem da morte à ressurreição ...) (cf. RMX 12). O anúncio ad extra também interpreta a expressão “reposicionamento”, que foi mencionada numa carta da Direção-geral intitulada: envolvidos no “sonho” de Conforti, o primeiro anúncio “nos reposiciona” a todos. (Preparando o XVIIIICG – Ficha n. 3 – novembro 2022).*

## CONCLUSÃO

A tentativa de aprofundar este tema *ad extra* leva-nos a analisar as transformações que o mundo vive hoje e, conseqüentemente, a forma como desempenhamos a nossa missão *ad gentes*. Isso está provocando incertezas e divergências na adaptação do nosso carisma, mas também vemos a disponibilidade de viver o *ad extra*, aberto à missão.

Este esforço de compreender o alcance do *ad gentes* no contexto atual está nos fazendo refletir sobre o “reposicionamento”, isto é, tomar decisões que nos ajustem à realidade de acordo com a capacidade que temos como Congregação. Tendo compreendido a missão *ad gentes* da mesma maneira durante anos, é agora difícil para nós encontrar novas maneiras de ser fiéis ao pensamento dos Conforti. Ele nos queria na China, mas depois partimos para viver e explorar em outros lugares, que nos acolheram e nos adotaram como parte do sonho xaveriano. Hoje é tempo de nos renovarmos, mesmo que não vejamos um sinal claro das decisões a tomar. Este último capítulo geral oferece-nos algumas pistas ou desafios que podemos ter em conta.

Como Conforti aponta, o *ad extra* é, acima de tudo, o caminho para triunfar sobre si mesmo, e reconhecer no outro o irmão, a irmã.

*Por isso, ao missionário que parte para terras longínquas para anunciar a Boa Nova não é dado outro instrumento senão o crucifixo, porque Ele possui o poder de Deus e, através dele, triunfará em tudo e sobre todos, depois de ter triunfado sobre si mesmo. (CERESOLI; FERRO, ad extra, 8).*

### PARA REFLETIR

- De que forma o *ad extra* qualifica a missão *ad gentes*?
- O que você acha de um anúncio *ad extra* de nossos esquemas mentais que não se abrem?
- Considera que, num ambiente formativo, é importante formar para o diálogo e para o trabalho em equipe, como forma adequada de dar espaço a outras opiniões ou às sugestões dos outros?

### SIGLAS

AG	Ad Gentes
C	Constituições Xaverianas
CG	Capítulo Geral
EG	Evangelii Gaudium
RMX	Ratio Missionis Xaveriana

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERESOLI, A.; FERRO, E. **Antología de los escritos de Guido M. Conforti**. Guadalajara: Edixa, 2011.

GITTINS, Anthony. **Gifts and strangers, meeting the challenge in-culturation**. Nova Iorque, NJ: Paulist Press, 1989.

SOŁOMIEWICZ, Adam. A Filosofia del dar divino ad intra e ad extra segundo Ignacio Falgueras. **Revista Interdisciplinar de Filosofia**. Málaga, vol. XXVI nº 1 (2021), pp. 123-137. ISSN: 1136-4076

VALDAVIDA, José. **Actividad misionera**. Diccionario de Misionología y Animación Misionera. Monte Carmelo de Burgos.